

HIPÓTESES DE ESCRITA, PERCURSOS E APROPRIAÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA: UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA DO PROGRAMA DE LICENCIATURA (PROLICEN¹)

Michelly Félix da Silva²
Cícero Gabriel dos Santos³

RESUMO

Estudos sobre a alfabetização têm evidenciado que a aquisição da escrita demanda a reflexão sobre os sons das palavras, ou seja, é preciso desenvolver habilidades de consciência fonológica. Neste artigo, temos por objetivo refletir sobre a implementação de uma experiência didática com foco no desenvolvimento de habilidades de consciência fonológica, para a compreensão do sistema de escrita em uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública localizada no interior da Paraíba. Para tanto, reunimos estudos sobre aquisição da língua escrita: a) alfabetização e consciência fonológica (Moraes e Silva; 2022), Soares (2020), Leal (2005) e Moraes (2005); b) percursos de escrita Leite e Moraes (2012) e Coutinho (2005). Situamos este trabalho no modelo qualitativo/interpretativo e, por focalizar uma proposta de intervenção em uma situação particular, o classificamos como pesquisa ação e estudo de caso. Realizamos um diagnóstico inicial para verificar quais os níveis e subníveis de escrita das crianças e, a partir desse diagnóstico, desenvolvemos uma sequência de atividades de acordo com as necessidades da turma. Após a conclusão, aplicamos um segundo diagnóstico para observarmos a existência de avanços significativos. Com base nos resultados, destacamos que, inicialmente, as crianças demonstraram pressa em fornecer respostas imediatas, sem se deter na análise/reflexão; em seguida, elas começaram a perceber que era necessário refletir sobre os sons das palavras; a aplicação das atividades de consciência fonológica favoreceu a reflexão sobre as composições das palavras e sobre a associação da pauta sonora à pauta escrita. Ao fazer a comparação entre os diagnósticos inicial e final, concluímos que as crianças demonstraram maior consciência em relação à associação sons e letras. Esses avanços nos mostraram a importância de um acompanhamento pedagógico que respeite o ritmo individual de cada aluno e suas necessidades específicas.

Palavras-chave: Alfabetização, Sistema Alfabético de Escrita, Consciência Fonológica, Intervenção Didática.

¹ O projeto foi desenvolvido no ano letivo de 2024, tendo a estudante como bolsista.

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, michellysilva083@gmail.com ;

³ Doutor em Linguística. Professor de Língua Portuguesa e Linguística da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, cicerogabriel.ufpb@gmail.com .



⁵ Foram planejadas atividades sequenciais para o desenvolvimento de habilidades de consciência fonológica, que totalizaram 12 encontros, entre os meses de julho, agosto e setembro.



METODOLOGIA

Assentamos este artigo no âmbito da Linguística Aplicada – ciência de natureza transdisciplinar que visa atravessar fronteiras disciplinares – (Moita Lopes, 2009). Adotamos o paradigma qualitativo, que consiste em “um conjunto de práticas materiais e interpretativas” (Denzin; Lincoln, 2006, p. 17), caracterizamos a pesquisa como uma intervenção/ação, por desempenhar um papel ativo diante da realidade dos aspectos observados (Prodanov e Freitas, 2013), e como um estudo de caso, por focalizar as contribuições do desenvolvimento de habilidades de Consciência Fonológica para a apropriação do Sistema de Escrita Alfabética, a partir da aplicação de uma sequência didática.

Os dados para análise reúnem resultados oriundos da aplicação de diagnósticos inicial e final de escrita das crianças e atividades que constituíram a sequência didática implementada em uma turma do 3º ano do ensino fundamental, de uma escola pública municipal, localizada no interior da Paraíba.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Consciência Fonológica: reflexão sobre os segmentos sonoros das palavras

Estudos sobre a alfabetização têm mostrado que para ler palavras escritas com o alfabeto e para escrevê-las, é preciso pensar de forma consciente sobre os sons das palavras, ou seja, os estudantes precisam desenvolver habilidades de consciência fonológica, necessárias “tanto para compreender como o sistema de escrita alfabética [...] funciona, quanto para aprender os valores sonoros das letras e usar tais convenções ao ler e escrever palavras” em situações cotidianas (Moraes; Silva, 2022, p. 206).

Moraes e Silva (*op. cit.*) compreendem que a reflexão acerca das “partes sonoras” das palavras – sílabas orais, fonemas e rimas – integram o que denominamos de consciência fonológica. Dessa forma, afirmam que a consciência fonológica reúne um conjunto de habilidades, porque ela não é “uma habilidade”, mas uma ‘constelação’, de modos de refletir sobre os segmentos orais das palavras” (Moraes; Silva, *op. cit.*, p. 207); argumentam que quanto mais as crianças pensam sobre as partes orais – sílabas, rimas, fonemas –, mais avançam no processo de compreensão do funcionamento do SEA e,



quanto mais apreendem sobre as relações entre letras e sons, mais avançam na capacidade de pensar sobre os segmentos sonoros das palavras.

Neste contexto, é primordial que o processo de aquisição do SEA seja acompanhado através dos diagnósticos. Desse modo, muitas das crianças com as quais foi feito o diagnóstico inicial apresentavam conhecimento das letras, conseguindo dizer seus nomes e reconhecendo sua função dentro de uma palavra, porém outras não conseguiam sequer escrever o que era pedido fazendo na maioria das vezes rabiscos ou desenhos que para eles não havia sentido. A partir disso ficou entendido que a aprendizagem do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) não acontece da mesma forma para todos os alunos, tendo em vista que suas particularidades.

Nesse caso, é fundamental que os professores reflitam e adquiram conhecimentos relativos à organização do sistema de escrita para melhorar a formação e o ensino de seus alunos, compreendendo as necessidades deles, ou seja, é preciso saber

quais são as hipóteses que os alunos elaboram e [...]; os percursos que fazem na apropriação desse sistema e as estratégias de aprendizagem que utilizam [...]; os tipos de intervenção didática que são utilizados para ajudá-los a percorrer esses caminhos, assim como as consequências dessas diferentes intervenções [...] (Leal, 2005, p. 90).

Por esses motivos, é importante identificar as dificuldades dos alunos e, assim, escolher as melhores formas didáticas que se adequem as suas possibilidades de aprendizagem. Como discute Moraes (2005), baseado em Ferreiro (1985), que para se entender como funciona o SEA, a criança tem que reinventar em sua mente várias decisões que nós adultos tomamos, quando criamos esses tipos de notações/representações. Por isso, diferentemente dos modelos tradicionais de alfabetizar que sempre usaram a concepção da escrita alfabética como uma forma de dizer que à criança cabia apenas copiar e memorizar tudo que lhes era aplicado pelos adultos, deve-se considerar todo o trabalho que é desenvolvido pelo aprendiz em torno de dois eixos conceituais para descobrir como a escrita alfabética funciona:

O que a escrita representa/nota? (O que se registra no papel tem a ver com características físicas/funcionais dos objetos ou tem a ver com a sequência de sons que formam os nomes dos objetos?) Como a escrita cria representações/notações? Cada letra substitui o quê? O significado ou ideia da palavra como um todo? Partes que pronunciamos como as sílabas? Segmentos sonoros menores que a sílaba? (Morais, 2005, p. 42).



Logo, a tarefa cognitiva de compreensão da criança sobre o funcionamento da escrita requer o domínio de relações muito complexas. Durante essa trajetória, ela tem que perceber que as palavras são formadas por sílabas; que as sílabas são formadas por unidades menores; que escrevemos com letras, que são diferentes de números, rabiscos e desenhos; conhecer os nomes e o formato das letras do alfabeto; entender o princípio da relação unidade sonora/unidade gráfica, entre outros aspectos. Desta maneira, a criança faz mentalmente a noção de linguagem (palavra, sílaba, sons menores que a sílaba) para, depois, entender as relações entre partes faladas e partes escritas.

Diagnóstico: hipóteses de escrita das crianças

Emília Ferreiro e Ana Teberosky demonstraram que antes de e/ou enquanto aprendem a ler e a escrever as crianças elaboram suas próprias ideias ou hipóteses sobre a escrita alfabética, que seguem uma ordem evolutiva. Para Coutinho (2005) esse processo de evolução acontece entre crianças de diferentes classes sociais, visto que tal ocorrência estaria relacionada ao maior ou menor contato que as crianças têm com a língua na escola e fora dela. Nesse processo, as crianças passam por quatro períodos/níveis nos quais apresentam diferentes explicações para a escrita alfabética, a saber: nível pré-silábico, nível silábico, nível silábico-alfabético e nível alfabético. Para os fins deste artigo e para facilitar a compreensão, optamos por apresentar um quadro-síntese organizado com base nos estudos de Leite e Moraes (2012), Moço (2009) e Coutinho (2005).

Quadro 01 – Caracterização dos níveis de escrita

NÍVEIS DE ESCRITA	
NÍVEL PRÉ-SILÁBICO	NÍVEL SILÁBICO
A criança procura diferenciar o desenho da escrita: produz rabiscos, bolinhas e garatujas que não são letras. Passa a usar letras, à medida que vai observando, aprendendo e produzindo o próprio nome e outras palavras. Porém, não estabelece relação entre as letras/pauta escrita e fonemas/pauta sonora da palavra escrita. Pensa que coisas grandes são escritas com muitas letras e coisas pequenas são escritas com	A criança ainda não planeja quantas e quais letras vai colocar para cada palavra, mas demonstra que está começando a compreender que a escrita nota/representa a pauta sonora da palavra. Ao ler o que acabou de escrever, procura fazer coincidir as sílabas orais que pronuncia com as letras que colocou no papel, de modo que não sobrem letras.



poucas letras). Não há entre a parte escrita e a parte oral representação de linearidade da escrita – da esquerda para direita. Duas hipóteses ou teorias criadas pelas crianças: Quantidade mínima Variedade	Para escrever uma palavra, utiliza uma letra para cada sílaba: MTL (menos avançado) – AEO (mais avançado). O primeiro desafio foi vencido: a escrita está relacionada à pauta sonora. Duas hipóteses ou teorias criadas pelas crianças: Escrita silábica sem valor sonoro Escrita silábica com valor sonoro
NÍVEL SILÁBICO-ALFABÉTICO	NÍVEL ALFABÉTICO
Período de transição em que a criança trabalha simultaneamente com dois níveis: silábico e alfabético. Em um momento, a criança escreve uma letra para cada sílaba oral, em outro, escreve uma letra para cada fonema/som individual ou, pode escrever duas ou mais letras para cada sílaba oral, depois volta a refletir e escreve uma letra para cada sílaba oral. Certas letras cujos nomes correspondem a sílabas com a combinação CV podem aparecer substituindo sílabas orais inteiras – BLEZA.	A criança escreve letras para cada um dos sons individuais que aparecem em cada sílaba oral, ou seja, a escrita representa cada letra com um fonema. Dois momentos distintos: <u>Alfabético inicial</u>: a criança entende que cada letra da palavra corresponde a um som menor que a sílaba oral, mas não domina convenções ortográficas. <u>Alfabético</u>: a criança entende que cada uma das letras da palavra corresponde a um som menor que a sílaba oral e domina convenções ortográficas.

Fonte: Elaborado com base em Leite e Morais (2012), Moço (2009) e Coutinho (2005)

É do conhecimento de professores-alfabetizadores que a psicogênese da escrita é uma teoria psicológica que aborda como os alunos se apropriam da escrita alfabética. Não é um método, mas uma maneira de o professor conhecer os níveis de aprendizagem da escrita dos alunos para avaliá-los. De posse das informações oriundas de avaliações diagnósticas, ele poderá intervir por meio da reorganização do planejamento e da promoção de atividades que explorem os conhecimentos que a turma precisa desenvolver para o alcance da escrita convencional.

De acordo com Moço (2009), é importante que a atividade seja feita individualmente. Para isso, a turma deverá estar envolvida em atividade diversificada, para a qual não seja necessária a mediação do professor (desenho, cópia de letra de música e jogos, entre outros). Quanto aos procedimentos, recomenda a realização de um ditado (atividade oral), que deve ser iniciado por uma palavra polissílaba, seguida de uma trissílaba, de uma dissílaba e, por fim, de uma monossílaba. Após listar/ditar as palavras, o professor deverá ditar uma frase que envolva, pelo menos, uma das palavras



mencionadas na lista, momento em que poderá observar se o aluno, ao escrevê-la, faz o registro de forma semelhante ou não em contexto diferente.

Outras recomendações importantes dizem respeito à necessidade de o professor:

a) preparar uma lista com palavras de um mesmo campo semântico, ou seja, que pertençam a mesma unidade de sentido, além de uma frase adequada à turma; b) evitar que as palavras tenham letras vogais repetidas em sílabas próximas – ABACATE, porque podem causar conflitos maiores para as crianças em fase de compreensão da escrita alfabética. É importante que ao terminar a atividade (ditado oral), o professor solicite que a criança leia o que ela foi capaz de escrever.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percepções oriundas da experiência didática: o que revelam os diagnósticos inicial e final

Inicialmente, realizamos um momento para observação da turma. A fim de nos familiarizarmos com as crianças e com a professora, bem como observar a dinâmica da turma. Nas observações, percebemos que boa parte das crianças conseguiam copiar do quadro com letra cursiva, buscando reproduzir “perfeitamente” a caligrafia da professora. Entretanto, a outra parte acabava “se perdendo na escrita”, ou seja, apenas reproduzia o que estava no quadro, escrevendo de forma aleatória e sem sentido para elas.

Com o intuito de nos aproximarmos das crianças, solicitamos que lessem frases do texto que estavam copiando, uns conseguiram ler e outros apresentaram dificuldades, que é comum para estudantes do 3^a ano. Contudo, alguns não conseguiram ler, demonstrando que o que estavam copiando representava uma escrita abstrata. Logo, percebemos que a aprendizagem do sistema de escrita não acontece no mesmo ritmo, pois cada criança percorre um caminho diferente. Com base em Leal (2005), percebemos que era preciso verificar quais hipóteses elaboram e quais percursos constroem na apropriação desse sistema, para atender suas diferentes demandas e auxiliá-los.

Para realização do diagnóstico inicial – verificação das hipóteses/níveis de escrita das crianças e direcionamento das atividades de acordo com as necessidades da turma, seguimos as orientações de Moço (2009) e, por estarmos próximos ao Dia das Mães, as palavras utilizadas foram DEDICADA, RAINHA, AMOR e MÃE e a frase sugerida foi MINHA MÃE É UMA RAINHA.



O diagnóstico foi realizado individualmente em dois momentos. Para tal, foram sendo chamadas de duas em duas crianças, para que escrevessem as palavras e a frase ditada. Em seguida, solicitamos que lessem em voz alta o que escreveram e acompanhassem cada sílaba ou palavra com o dedo. Incentivamos que as crianças escrevessem a partir das suas próprias hipóteses ou explicações, sem a preocupação de serem repreendidas para corrigir desvios relacionados às propriedades do Sistema de Escrita Alfabética.

Após o diagnóstico inicial⁶, realizamos as análises das escritas com base na caracterização dos níveis de escrita (Quadro 01). No quadro seguinte, organizamos os níveis e subníveis em que cada criança se encontrava no momento do diagnóstico inicial.

Quadro 02: Níveis e Subníveis da Escrita das Crianças

ALUNO	PRÉ-SILÁBICO			SILÁBICO				SILÁBICO-ALFABÉTICO	ALFABÉTICO	
	1	2	3	1	2	3	4		1	2
VG01									X	
GM02*			X							
FH03								X		
JR04*							X			
AV05									X	
IJ06									X	
IM07*			X							
GM08								X		
DD09*			X							
JA10									X	
YV11								X		
KK12								X		
AK13									X	
SF14									X	
NS15									X	
PS16									X	
YS17*			X							
JL18									X	
MV19									X	
AK20*		X								
JD21*						X				

Fonte: Elaborado com base em Moço (2009)

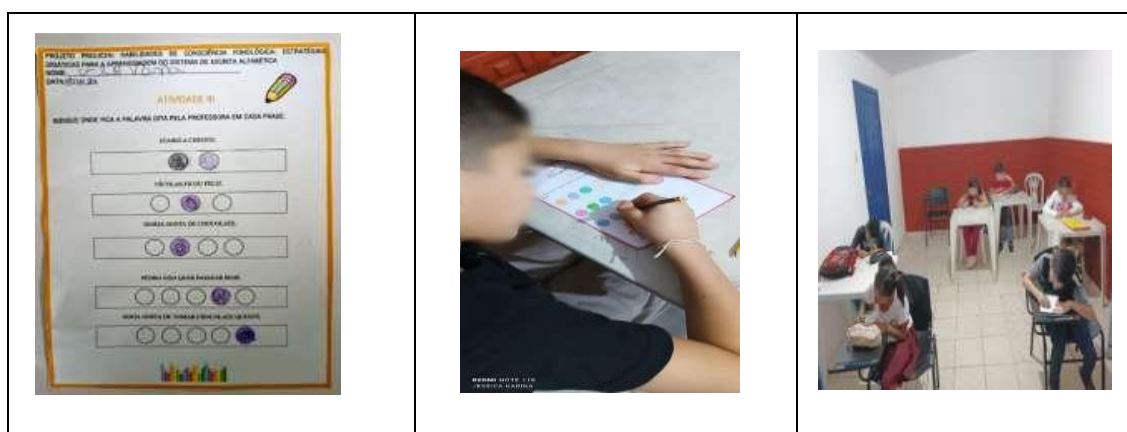
⁶ A turma era composta por 24 alunos, dos quais 7 foram selecionados para participarem do projeto porque apresentaram maior dificuldade em leitura e escrita.



Conforme observamos no quadro, após a aplicação do diagnóstico inicial, a turma apresentava níveis e subníveis diferentes de escrita, visto que 5 estavam no Pré-silábico, 2 no Silábico, 4 no Silábico-Alfabético e 10 no nível Alfabético. Ou seja, 5 crianças não conseguiam fazer ligação entre letras e sons; 2 crianças começavam a perceber que o uso das letras no papel está relacionado aos sons das palavras, representando cada sílaba com uma letra; 4 crianças que, em certos momentos, escreviam uma letra para cada sílaba falada e em outros, uma letra para cada som específico. Por fim, um grupo de 10 crianças demonstrou a capacidade de estabelecer relações entre letras e sons das palavras. Dessa maneira, percebemos que algumas crianças ainda não tinham consolidado a apropriação do Sistema de Escrita Alfabético. Então, foram selecionadas 7 crianças, que estavam entre os níveis pré-silábico e silábico para aplicação da sequência didática.

A aplicação da sequência didática foi iniciada no mês de julho, em que 4 atividades foram direcionadas para a “Consciência de palavras”, ou seja, visavam a auxiliar a criança na percepção de que a frase é composta por unidades menores que a própria frase. No decorrer das atividades, as crianças foram compreendendo e nos chamando atenção em relação à maneira como elas formulam suas hipóteses, pensando e repensando, contando as palavras nos dedinhos, até se sentirem confiantes com sua hipótese.

Quadro 03: Atividades relacionadas à Consciência de Palavras



Fonte: Arquivo do projeto 2024

A segunda parte de atividades foi direcionada para a “Consciência de Sílabas”, que buscava favorecer a percepção de que as palavras são formadas por unidades sonoras menores que a própria palavra. Para Freitas (2004), a consciência de sílabas traz pouca



complexidade para as crianças, considerando que muitas delas, antes do processo de aquisição da escrita, já demonstram a habilidade de segmentar as palavras em sílabas oralmente. Desse modo, as atividades permitiram às crianças refletirem sobre a constituição da palavra e sobre a contagem de suas sílabas, sem perceber que estavam estudando.

Quadro 04: Atividades relacionadas à Consciência de Sílabas

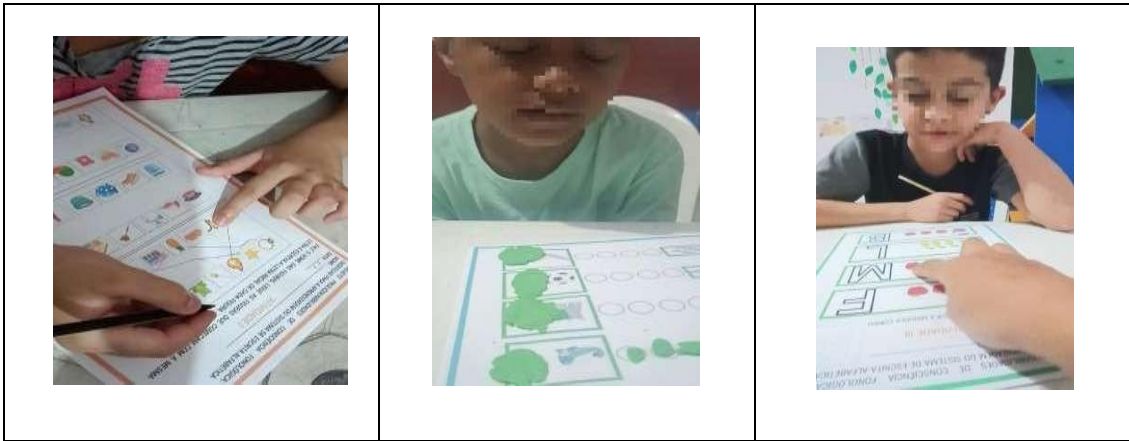


Fonte: Arquivo do projeto 2024

Para finalizar a sequência didática, foram realizadas 6 atividades relacionadas à “Consciência Fonêmica”, buscando favorecer a compreensão de que as sílabas são formadas por unidades sonoras menores e a compreensão de que cada fonema corresponde a uma letra ou um conjunto de letras. Conforme destacam Moraes e Leite (2012, p.17) a criança “precisa ser desafiada, ser convidada a refletir sobre as palavras, observando, no interior das mesmas, as partes orais e escritas”. Neste sentido, o desafio de identificação dos fonemas que compõem as palavras mostra-se fundamental para o alcance da hipótese alfabética. As atividades estimulavam a identificação dos fonemas iniciais das palavras, a subtração e adição de fonemas e também a análise de fonemas/correspondência grafofônica. Ao final das atividades, observamos avanços significativos: as crianças passaram a refletir sobre os sons antes de responder, contar as sílabas e associar oralmente as palavras a outras que recuperaram de sua memória.



Quadro 05: Atividades relacionadas à Consciência Fonêmica



Fonte: Arquivo do projeto 2024

Após a conclusão das atividades, observamos que as sete crianças apresentaram avanços significativos, porque demonstraram compreender a importância de refletir antes de responder às atividades. Dessa maneira, realizamos o diagnóstico final, no qual, assim como no inicial, utilizamos as orientações de Moço (2009). As palavras ditadas foram “divertido”, “criança”, “feliz” e “bom”. A frase foi “Ser criança é divertido”. No quadro abaixo, organizamos os níveis e subníveis em que cada criança se encontrava no momento do diagnóstico final.

Quadro 06: Níveis e Subníveis da Escrita das Crianças

ALUNO	PRÉ-SILÁBICO			SILÁBICO				SILÁBICO-ALFABÉTICO	ALFABÉTICO	
	1	2	3	1	2	3	4		1	2
SUBNÍVEIS/HIPÓTESES										
AK20*		X		X						
DD09*			X			X				
IM07*			X				X			
GM02*			X			X				
JD21*							X	X		
JR04*							X		X	
YS17*			XX							

Fonte: Elaborado com base em Moço (2009)

Legenda: X – Relativo ao Diagnóstico Inicial. X – Relativo ao Diagnóstico Final

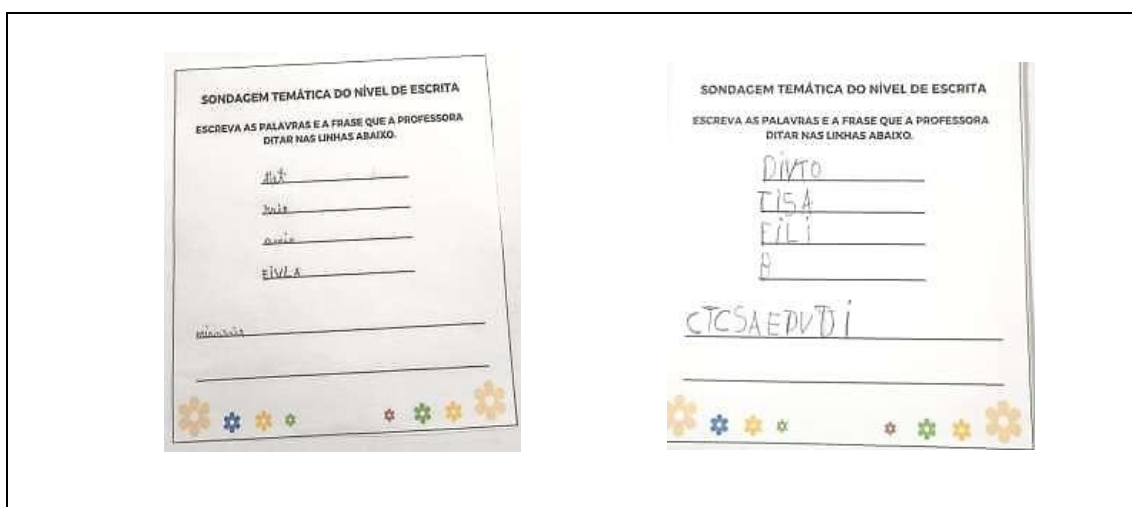
De acordo com o quadro, 4 crianças estão no silábico; 1 no pré-silábico; 1 no silábico-alfabético e 1 no alfabético. Considerando que no diagnóstico inicial (Quadro 3), 5 crianças se encontravam no nível pré-silábico e, que, 4 delas avançaram para o nível silábico; que 2 crianças se encontravam no nível silábico e, que, 1 delas avançou o nível



alfabético e, que, outra avançou para o nível alfabético, verificamos um avanço significativo em torno da compreensão do Sistema de Escrita Alfabética. Entretanto, 1 das crianças permaneceu no nível em que se encontrava no início da intervenção.

No quadro 07, a seguir, verificamos a representação da escrita de 1 aluno durante o diagnóstico inicial, em que foi solicitada a escrita das palavras “dedicada”, “rainha”, “amor”, “mãe” e a frase “Minha mãe é uma rainha”. Na sequência, a representação da escrita desse mesmo aluno gerada do diagnóstico final, em que ele foi solicitado a escrever as palavras “divertido”, “criança”, “feliz”, “bom” e a frase “Ser criança é divertido.”

Quadro 07: Níveis e Subníveis da Escrita das Crianças



Fonte: Arquivo do projeto 2024

Ao analisarmos os diagnósticos, é possível perceber que no diagnóstico inicial a criança está no nível pré-silábico, no subnível 3, ou seja, ela escreve utilizando letras, variando entre as palavras, mas ainda não consegue relacionar a pauta sonora com a pauta escrita. Entretanto, no diagnóstico final, a criança demonstra um avanço significativo, em que está no nível silábico, no subnível 3, no qual começa a relacionar a pauta sonora com a pauta escrita. Escrevendo uma letra ou duas letras para cada sílaba da palavra. Por exemplo, na palavra “divertido”, a criança escreveu “DIVTO”, ora representando uma vogal para cada sílaba, ora uma consoante. Neste sentido, a identificação dos fonemas que compõem as palavras mostrou-se fundamental para o alcance da hipótese alfabética.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a fase inicial, quando percebemos a necessidade de intervenções específicas devido aos diferentes níveis de escrita, até a aplicação das atividades relacionadas ao desenvolvimento de habilidades de consciência fonológica, as crianças demonstraram interesse, animação e avanços significativos quanto à compreensão do funcionamento do Sistema de Escrita Alfabética.

No decorrer da aplicação da sequência didática, as crianças foram gradualmente desenvolvendo habilidades de consciência fonológica. Inicialmente, demonstraram pressa em fornecer respostas imediatas, sem se deter na análise/reflexão. Porém, à medida que avançavam nas atividades, começaram a perceber que antes de responder, era necessário refletir sobre os sons das palavras, evidenciando um progresso significativo para a apropriação do Sistema de Escrita Alfabética. A aplicação das atividades relacionadas à consciência de palavras, sílabas e fonemas foi bastante eficaz, visto que ajudou na aprendizagem, permitindo às crianças pensar sobre as composições das palavras, sobre a associação da pauta sonora à pauta escrita.

Ao fazer a comparação entre os diagnósticos inicial e final, observamos como as crianças progrediram em, pelo menos, um nível, demonstrando maior consciência em relação à associação sons e letras. Esses avanços nos mostram a importância de um acompanhamento pedagógico que respeite o ritmo individual de cada aluno e respeite suas necessidades específicas. Este relatório buscou de forma concisa evidenciar a relevância de estratégias pedagógicas centradas na consciência fonológica como um meio de melhorar a compreensão do funcionamento do Sistema de Escrita Alfabética - SEA, caminho necessário para a consolidação do processo de Alfabetização.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf Acesso em: 08 set. 2025.

COUTINHO, M. L. Psicogênese da língua escrita: O que é? Como intervir em cada uma das hipóteses? Uma conversa com professores. *In*: MORAIS, A. G. de.; ALBUQUERQUE, E. B. C. de; LEAL, T. F. (org.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 47-69.



DENZIN, K. N.; LINCOLN, Y. S. Introdução. In: DENZIN, K. N.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e aprendizagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 15 - 41.

FREITAS, G. C. M. de. **Consciência Fonológica e Aquisição da Escrita: um estudo longitudinal**. 2004. 147 f. Tese (Doutorado em Letras, na área de concentração de Linguística Aplicada) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

LEAL, T. F. Fazendo acontecer: o ensino da escrita alfabética na escola. In: MORAIS, A. G. de.; ALBUQUERQUE, E. B. C. de; LEAL, T. F. **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 89-110.

MOITA LOPES, L. P. da. Da aplicação da Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCHA, P. (Orgs.). **Linguística Aplicada: um caminho com muitos acessos**. São Paulo: Editora Contexto, 2009, p. 11-24.

MOÇO, A. Diagnóstico na alfabetização para conhecer a nova turma. Revista Nova Escola. 2009. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/2489/diagnostico-na-alfabetizacao-para-conhecer-a-nova-turma> . Acesso em: 10 set. 2025.

MORAIS, A. G. de. LEITE, T. M. S. R. A escrita alfabética: por que ela é um sistema notacional e não um código? Como as crianças dela se apropriam? In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: a aprendizagem do sistema de escrita alfabética: ano 1: unidade 3**. Brasília: MEC, SEB, 2012.

MORAIS , A. G. de.; SILVA, A. da. Jogos que promovem a consciência fonológica: como ajudam a compreender o sistema de escrita alfabética e suas convenções? In: ARAÚJO, L. C. de.; CAMINI, P.; NOGUEIRA, G. M.; ZASSO, S. M. B. **Alfabetização: saberes docentes, recursos didáticos e laboratórios formativos**. Curitiba: CRV, 2022.

MORAIS, A. G. de. Se a escrita alfabética é um sistema notacional (e não um código), que implicações isso tem para a alfabetização? In: M. G. de.; ALBUQUERQUE, E. B. C. de.; T. F. (Orgs.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 29-46.

SOARES, M. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico**. 2. ed. Novo Hamburgo: FeeVale, 2013.

